

política



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Mais fiscalização nos combustíveis

O projeto (PLP 109/25), de autoria do deputado federal gaúcho Alceu Moreira (MDB, foto), aprovado na Câmara amplia o poder de fiscalização da Agência Nacional do Petróleo (ANP) ao permitir acesso às notas fiscais eletrônicas de toda a cadeia de combustíveis. A proposta segue agora para avaliação do Senado. A medida condiciona a autorização de funcionamento das empresas ao compartilhamento permanente desses dados, com foco em rastrear operações e identificar irregularidades no setor.



Combate a fraudes e crime organizado

A iniciativa de Alceu Moreira busca fortalecer o combate à sonegação, à adulteração de combustíveis e à atuação de organizações criminosas. O cruzamento de informações permitirá à ANP identificar inconsistências e acionar órgãos como Receita Federal e secretarias estaduais.

Benefícios aos pescadores

O Plenário da Câmara dos Deputados rejeitou, na sessão desta quinta-feira, as mudanças feitas pelo Senado na medida provisória, que altera as regras para pagamento do seguro-defeso, que agora, segue para sanção presidencial. O seguro-defeso é um benefício social decorrente da proibição da pesca no período de reprodução dos peixes.

Descontrole e 'indícios de fraudes'

O deputado federal gaúcho Marcel van Hattem (Novo) criticou a proposta, apontando possível descontrole e indícios de fraudes no benefício destinado a pescadores artesanais. Para Marcel van Hattem: "Não é possível que o IBGE diga que tem cerca de 300 mil pescadores artesanais no Brasil e hoje já estejam sendo atendidas quase 2 milhões de pessoas". A proposta seguiu para o Senado.

Cessar-fogo frágil, risco de escalada

O anúncio de um cessar-fogo entre EUA, Israel e Irã está longe de representar estabilidade no Oriente Médio. A avaliação é da professora Tatiana Teixeira, editora-chefe do Observatório Político dos EUA (Opeu), pesquisadora de pós-doutorado da Universidade Federal de Uberlândia. Ela classifica o entendimento como um mecanismo improvisado e frágil, voltado mais a abrir espaço para negociação do que a encerrar o conflito.

Falta consenso claro

Segundo a especialista, não há consenso claro sobre os termos pactuados, e o acordo sequer inclui atores centrais como Israel e grupos aliados do Irã, o que amplia as brechas para novos confrontos. Na prática, trata-se de uma suspensão parcial entre Estados Unidos e Irã, enquanto a dinâmica regional segue ativa.

Cenário frágil sujeito a rupturas

Os sinais de instabilidade já são visíveis. Mesmo após o anúncio, ataques continuaram sendo registrados, inclusive com bombardeios atribuídos a Israel. O cenário, portanto, permanece volátil e sujeito a rupturas a qualquer momento. Além disso, temas estruturais que motivaram a crise, como o programa nuclear iraniano, sanções econômicas e segurança regional, ficaram fora desse entendimento inicial. Para Tatiana Teixeira, o cessar-fogo funciona como um "respiro tático", mas não resolve as divergências centrais.

Ganhar tempo para negociações

A mediação internacional, com participação de países considerados neutros, buscou evitar um colapso imediato e ganhar tempo para negociações mais amplas. Ainda assim, a ausência de atores-chave limita a efetividade do processo.

Zema defende passar

Entrevista Especial

Bolívar Cavalari
bolivarc@jcrs.com.br

Pré-candidato à presidência da República, o ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema (Novo) quer passar o controle da Petrobras para a iniciativa privada. Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, o mineiro trata deste e de outros assuntos, como, por exemplo, qual o diferencial de sua pré-candidatura em relação a outras alinhadas com o campo de direita. Ele acredita que o Brasil precisa passar por um "choque de moralidade", além de diminuir os gastos públicos da União como uma forma de buscar a baixa dos juros.

Havia especulações de que Zema pudesse abandonar a pré-candidatura para ser vice na chapa encabeçada por Flávio Bolsonaro (PL), mas o ex-governador disse nunca ter recebido um convite nesse sentido e que mantém a sua campanha até o final.

Outro tema abordado por Zema é o da segurança pública. Para ele, é necessário também um "choque na segurança pública" no Brasil. O ex-governador defende, por exemplo, que se classifiquem as facções criminosas como terroristas e que o governo brasileiro busque uma "cooperação" com os Estados Unidos e outros países no enfrentamento desses grupos.

Jornal do Comércio - Há muitas pré-candidaturas de direita além da sua. Do ponto de vista propositivo, o que tem para apresentar de diferente em relação aos outros candidatos do mesmo campo político?

Romeu Zema - Primeiro é acabar com a farra dos intocáveis. Precisamos ter um choque de moralidade, de ética e de vergonha na cara no Brasil. Precisamos de um presidente com moral, que chegue lá e fale: pode olhar o meu histórico que eu nunca precisei fazer contrato para a minha mulher, nunca precisei levar parente meu para poder trabalhar, nunca precisei receber alguma coisa de uma empresa, pegar carona em jatinho, e por aí vai. E eu tenho esse histórico. Tanto é que eu sou pré-candidato que mais tenho criticado essa pouca vergonha lá de Brasília, o supremo balcão de negócios que se transformou o nos-

so 'ex-Supremo Tribunal Federal'. Os outros candidatos parecem que estão calados. Será que eles têm o rabo preso? Eu estou dando um grito. O (partido) Novo todo está. Nós não temos o rabo preso. Se tem uma diferença que o partido Novo tem, é essa. Estamos aqui para falar o certo, e não para ficar protegendo alguém. Tem pré-candidato a presidente que se você perguntar para ele o que acha de um ministro fazer um contrato de R\$ 129 milhões para a esposa, ele começa a procurar a porta para poder sair. Será que desse jeito vamos mudar o Brasil? Na minha opinião, não. Então, choque de moralidade.

JC - Direita e esquerda têm estratégias opostas na disputa presidencial. Enquanto a direita apresenta vários candidatos, a esquerda se concentra em Lula. Essa estratégia da direita é efetiva?

Zema - É a estratégia certa, e inclusive que já deu certo lá no Chile, recentemente, na eleição que foi realizada no país. Os candidatos da direita eram vários e, no segundo turno, todos caminharam juntos. O que as pessoas gostam mais? De ter um cardápio com uma opção ou com três ou quatro. Então, estaremos todos juntos no segundo turno contra a esquerda, e aquele candidato que o eleitor de direita escolher vai ter o apoio dos demais, estaremos juntos. Isso não demonstra divisão e nem fragmentação. Isso demonstra a competência da direita em levar adiante vários nomes bem avaliados.

JC - Como está trabalhando a composição da chapa?

Zema - Isso vai ser feito ao longo do tempo. Sempre fui favorável à composição, até pra demonstrar uma boa vontade, uma abertura. Temos bons nomes a serem consi-

derados, se possível, de preferência uma mulher.

JC - Pode ser chapa pura?

Zema - Pode ser. Não tem nada definido.

JC - Foi cogitado que o senhor poderia ser candidato a vice na chapa de Flávio Bolsonaro. Recebeu algum convite?

Zema - Essa notícia foi veiculada, apesar de nunca ter havido nenhum convite formal. Houve, sim, falas de alguns líderes partidários a respeito disso, e isso me deixa muito honrado por estar sendo lembrado, devido, com toda certeza, a uma gestão bem avaliada em Minas Gerais. Mas eu levarei até o fim minha pré-candidatura e candidatura, até porque eu tenho propostas bem diferentes dos demais candidatos. Com toda certeza, dentre eles, sou aquele que mais esteve no setor privado, aquele que mais pagou impostos, aquele que mais teve contato com a vida real do brasileiro e, na minha opinião, precisamos muito de um governante que tenha tido contato com esse mundo real que tem sido esquecido pela política.

JC - Do ponto de vista das contas públicas, o que precisa ser feito?

Zema - O Brasil é um dos países que mais tem os juros elevados no mundo, é o segundo colocado. Isso é um freio de mão na atividade econômica, no desenvolvimento, na melhoria das pessoas. Em vez de estar falando do fim da escala 6x1, deveria estar falando em reduzir a ganância, que a vida do brasileiro ia melhorar muito mais. Pegue as prestações que milhões de brasileiros pagam para comprar celular, eletrodoméstico, moto, carro, casa própria, qualquer coisa, e a grande maioria dos brasileiros paga financiamentos. Vamos descobrir que está todo mundo pagando uma



“É passar o controle para mãos privadas; o governo pode continuar tendo voto, assento no conselho, mas não a palavra final”